

POLÍTICAS AFIRMATIVAS DE ACESSO E PERMANÊNCIA DA MULHER PESQUISADORA NA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

AFFIRMATIVE POLICIES FOR ACCESS AND PERMANENCE OF FEMALE RESEARCHERS AT THE UNIVERSITY OF SÃO PAULO (USP)

POLÍTICAS AFIRMATIVAS DE ACCESO Y PERMANENCIA DE MUJERES INVESTIGADORAS EN LA UNIVERSIDAD DE SÃO PAULO (USP)

THIAGO LUIZ SARTORI

Doutorando em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP). Professor de Direito na Universidade Anhanguera Educacional – São Paulo – SP.
tlsartori@hotmail.com

Recebido em: 27/04/2022

Aceito em: 11/03/2023

Publicado em: 31/10/2024

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar políticas afirmativas que versem sobre o acesso e a permanência da mulher pesquisadora no contexto acadêmico da Universidade de São Paulo a partir do ano de 2000. A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos do gênero, especificamente no que compete às discussões sobre feminismo e relativização das identidades. A metodologia é do tipo documental com abordagem qualitativa. A obtenção de dados ocorreu por meio de bancos de dados online como: Google Acadêmico, Scielo, Portal da Universidade Estadual de São Paulo e Jornal da USP, através dos termos: Políticas afirmativas da mulher, mulher pesquisadora e pesquisadora na USP, de outubro de 2021 a março de 2022. Após a obtenção e análise de dados, foram encontradas 12 políticas afirmativas visando o acesso e a permanência da mulher no ensino e na pesquisa universitária na USP. Apesar das mulheres serem 48,83% dos alunos de graduação, o número de docentes mulheres é de 37,96%, contra os 62,04% de homens.

Palavras-chave: Ciência; Gênero; Mulher pesquisadora; Universidade.

Abstract

This article aims to analyze affirmative policies that deal with the access and permanence of women researchers in the academic context of the University of São Paulo from the year 2000 onwards. The theoretical foundation is housed in the interdisciplinary field of gender studies, specifically with regard to discussions on feminism and the relativization of identities. The methodology is of the documentary type with a qualitative approach. Data were obtained through online databases such as: Google Scholar, Scielo, Portal da Universidade Estadual de São Paulo and Jornal da USP, through the terms: Affirmative policies of women, women researcher and researcher at USP, from October 2021 to March 2022. After obtaining and analyzing data, 12 affirmative policies were found aimed at women's access and permanence in university teaching and research at USP. Although women make up 48.83% of undergraduate students, the number of female professors is 37.96%, against 62.04% of men.

Keywords: Science; Gender; Female researcher; University.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las políticas afirmativas que abordan el acceso y la permanencia de mujeres investigadoras en el contexto académico de la Universidad de São Paulo a partir del año 2000. El fundamento teórico se ubica en el campo interdisciplinario de los estudios de género, específicamente con respecto a las discusiones sobre el feminismo y la relativización de las identidades. La metodología es de tipo documental con un enfoque cualitativo. Los datos fueron obtenidos a través de bases de datos en línea como: Google Scholar, Scielo, Portal da Universidade Estadual de São Paulo y Jornal da USP, a través de los términos: Políticas afirmativas de mujeres, investigadoras e investigadoras de la USP, de octubre de 2021 a marzo de 2022. Después Obteniendo y analizando los datos, se encontraron 12 políticas afirmativas dirigidas al acceso y permanencia de las mujeres en la docencia universitaria y en la investigación de la USP. Aunque las mujeres constituyen el 48,83% de los estudiantes de pregrado, el número de profesoras es del 37,96%, frente al 62,04% de los hombres.

Palabras clave: Ciencia; Género; Investigadora femenina; Universidad.

1 Introdução

No contexto atual, em que as relações sociais costumam ser efêmeras, a dita “modernidade líquida”, tal como sugere Bauman (2001), se caracteriza pela dinamicidade das coisas. Isso acarreta novas demandas que emergem a partir da necessidade da própria sociedade.

Nesse sentido, no contexto científico, têm suscitado discussões latentes acerca da articulação entre gênero e força de trabalho. Embora muitas pesquisas revelem progressos em áreas de inclusão e diversidade de gênero, o crescimento tem sido lento. As mulheres ainda enfrentam vários desafios para alcançar cargos mais altos e posições de liderança, mantendo o sucesso holístico nesses campos (Moreira *et al.*, 2008; Tilly, 1994).

No âmbito da pesquisa científica e da academia, podemos observar tendências em direção a um desenvolvimento mais equilibrado. No entanto, as mulheres continuam a enfrentar barreiras na busca de cargos de liderança e na obtenção de equidade econômica e reconhecimento de bolsas. Isso acaba por revelar uma série de lacunas deixadas pela própria estrutura das políticas públicas brasileiras.

Na tentativa de colaborar com as discussões científicas acerca dessa temática, escrevemos este artigo, o qual objetiva analisar políticas afirmativas que versem sobre o acesso e a permanência da mulher pesquisadora no contexto acadêmico da Universidade de São Paulo (USP) a partir do ano de 2000. Entendemos que isso pode nos ajudar a vislumbrar perspectivas de investigação futuras, partindo do princípio de que identificar possíveis fragilidades no

escopo das políticas afirmativas a partir da figura feminina nos oferece condições de colaborar mais efetivamente na minimização destas problemáticas no futuro.

A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos do gênero, especificamente no que compete às discussões sobre feminismo (Butler, 2003; Miñoso, 2019; Moreira *et al.*, 2018; Scott, 1992; Tilly, 1994; Vianna; Bortolini, 2020) e relativização das identidades (Butler, 2003; Moita Lopes, 2003; Sartori; Pereira, 2022; Smith; Santos, 2017). A referida opção teórica nos direciona a questionamentos feitos no âmbito dos estudos sobre gênero, os quais, apesar de serem latentes, não têm apresentado respostas satisfatórias. Isso porque ainda percebemos lacunas expressivas quando problematizamos a figura feminina no contexto do fazer científico.

A ideia de interdisciplinaridade que trazemos à baila parte das colaborações de Fazenda (2008) e Lima (2008), quando relativizam o alcance dos saberes humanos. Para os autores, a ciência é constituída por diferentes saberes que, mesmo apresentando objetos específicos de investigação, não podem ser vistos de maneira dissociada. Estes são, portanto, complementares.

A metodologia é do tipo documental com abordagem qualitativa, já que obtivemos os dados por intermédio de bancos de dados *online* como: Google Acadêmico, *Scielo*, Portal da Universidade Estadual de São Paulo e Jornal da USP, através dos termos: Políticas afirmativas da mulher, mulher pesquisadora e pesquisadora na USP, de outubro de 2021 a março de 2022. Estamos considerando como documentos os resultados obtidos nesta busca, pois estes representam um olhar social, cultural e político acerca da figura da mulher dentro de um recorte de tempo e de espaço (Bortoni-Ricardo, 2008; Gil, 2006; Pereira; Angelocci, 2021; Severino, 2007).

Esse percurso nos levou a construir a seguinte problemática de pesquisa: o que pode revelar uma análise descritiva sobre políticas afirmativas que versam sobre o acesso e a permanência da mulher pesquisadora no contexto acadêmico da USP?

Foram encontradas 12 políticas afirmativas visando o acesso e a permanência da mulher no ensino e na pesquisa universitária na USP. Apesar das mulheres serem 48,83% dos alunos de graduação, o número de docentes mulheres é de 37,96% contra os 62,04% de homens.

Isso se mostra representativo à esta pesquisa, já que evidencia um certo avanço em comparação a tempos atrás.

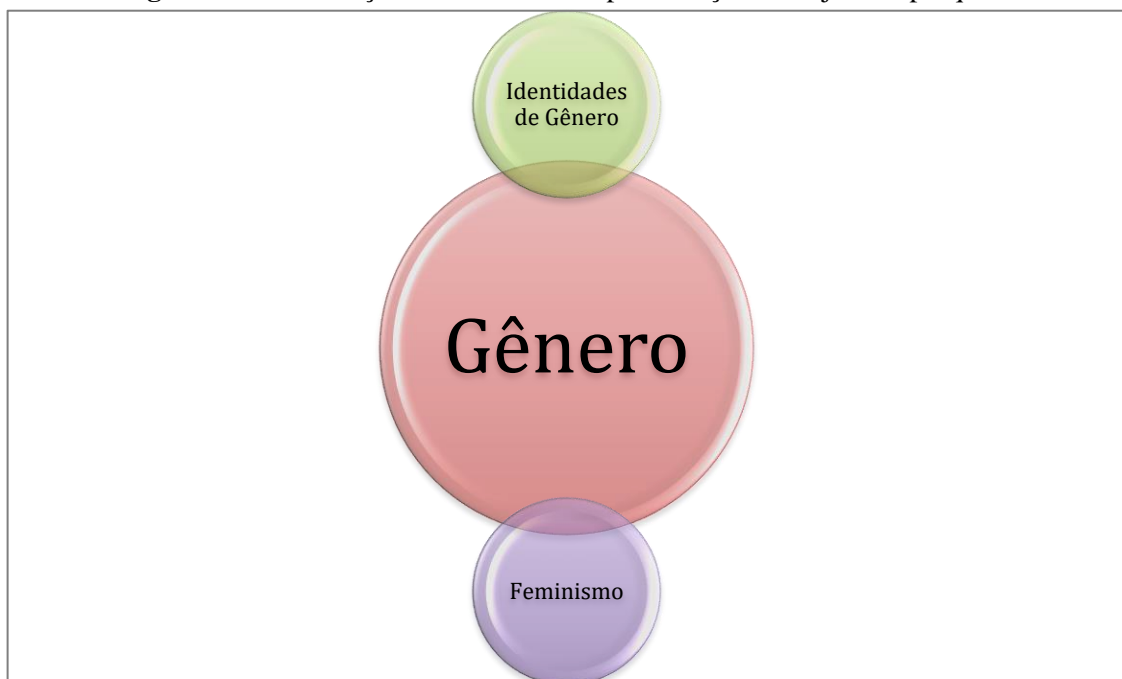
Esperamos que este trabalho seja convidativo aos pesquisadores desta temática e que colabore nas discussões vindouras sobre identidades de gênero e a figura na mulher no contexto acadêmico-científico. Entendemos que isso pode ajudar na complexificação do empoderamento do referido público.

2 Fundamentação teórica: discussões sobre gênero e feminismo no século XXI

Nesta seção, apresentamos a fundamentação teórica deste trabalho. Trata-se de um espaço destinado à discussão dos principais conceitos que embasam a teoria motivadora e, com isso, nos ajuda a entender melhor as análises dispostas na quarta seção deste artigo.

A fundamentação teórica está alojada no campo interdisciplinar dos estudos do gênero, especificamente no que compete às discussões sobre feminismo (Butler, 2003; Miñoso, 2019; Moreira *et al.*, 2018; Scott, 1992; Tilly, 1994; Vianna; Bortolini, 2020) e relativização das identidades (Butler, 2003; Moita Lopes, 2003; Sartori; Pereira, 2022; Smith; Santos, 2017). A partir disso, criamos a Figura 01, em que é possível visualizar a relação entre os saberes acadêmico-científicos mencionados.

Figura 01 - Articulações teóricas na complexificação do objeto de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

A Figura 01 é constituída por três esferas, sendo uma central, representada pelos estudos do gênero, e duas circundantes, sendo que a da parte superior simboliza as pesquisas sobre identidades de gênero e a da parte inferior, as sobre feminismo. É possível perceber zonas fronteiriças entre os referidos saberes, ilustradas pelas partes sobrepostas das esferas.

Os estudos sobre gênero se caracterizam pela atenção dada a grupos historicamente marginalizados, os quais apresentam uma trajetória de silenciamento em decorrência do gênero ao qual se identifica. Nesse escopo, podemos mencionar os transexuais, os travestis, as lésbicas, os gays e, logicamente, a mulher (Butler, 2014; Castro, 2018; Fausto-Sterling, 2002).

No que compete aos estudos de gênero acerca da figura feminina, muito tem se discutido acerca do estereótipo socialmente construído da ideia de “sexo frágil”, o que, em muitos casos, resume a mulher a uma condição de submissão à figura masculina. Isso, entretanto, é densamente desconstruído a partir dos estudos de gênero, partindo do princípio de que a mulher assume um lugar de fala que lhe possibilita pleitear as mesmas condições de poder do homem (Moreira *et al.*, 2008; Tilly, 1994).

É a partir desse pressuposto que mobilizamos as investigações sobre feminismo neste artigo, pois o entendemos como um movimento social de empoderamento feminino que consiste no entendimento da mulher como protagonista de si mesma. Em outras palavras, trata-se de uma percepção filosófica e sociológica que nos convida a repensar o papel da mulher em todos os domínios sociais (Butler, 2003; Moreira *et al.*, 2008; Tilly, 1994).

Das pesquisas sobre feminismo, bastante difundidas a partir de estudos sociológicos, nos interessamos mais de perto pelas discussões sobre empoderamento feminino e afirmação da mulher como ator social ativo e engajado nas transformações sociais. Nesse sentido, mencionamos investigações que problematizam a presença feminina em contextos dominados pelo empoderamento masculino, bem como pesquisas que versam sobre a importância da mulher ter liberdade para decidir sobre si mesma (Butler, 2003; Miñoso, 2019; Moreira *et al.*, 2018; Scott, 1992; Tilly, 1994; Vianna; Bortolini, 2020).

No âmbito desta pesquisa, é importante considerarmos que a mulher no contexto científico representa um avanço feminino em um meio predominantemente dominado por homens. Se pensarmos que a figura feminina no âmbito escolar e universitário é historicamente repleta de resistência, conseguimos entender a necessidade desta discussão de uma maneira cada vez mais latente.

Somado a isso, das pesquisas sobre identidades de gênero nos interessamos mais de perto pelas discussões que complexificam cientificamente a definição do termo “identidades”. Isso porque no campo dos estudos sociológicos, a palavra em questão traz consigo uma gama de sentidos que, por sua vez, a relativiza em relação ao ator social ao qual nos referimos. Em outras palavras, trata-se de um fenômeno social que indica inúmeras possibilidades de autoconhecimento e autoafirmação do indivíduo a partir do seu papel no meio social. Logo, um mesmo ator social pode ter várias identidades, a depender do lugar de fala que assume dentro de uma situação enunciativa. Por isso, a opção por utilizá-lo no plural (Butler, 2003; Moita Lopes, 2003; Sartori; Pereira, 2022; Smith; Santos, 2017).

No contexto desta pesquisa, a ideia de identidades de gênero nos ajuda a pensar nos múltiplos papéis que a mulher assume na atual conjuntura social, a qual a faz optar por diferentes identidades em decorrência da situação em que está inserida. Assim, no meio acadêmico-científico, a mulher procura maiores condições de vozeamento justamente pelas suas tentativas de se afirmar como ator social intelectualmente equivalente ao homem.

Em suma, reforçamos a natureza interdisciplinar dos saberes científicos mobilizados neste trabalho, pois entendemos que os saberes devem ser vistos como complementares e não excludentes.

3 Procedimentos metodológicos

Nesta seção, caracterizamos o percurso metodológico da investigação, o que muitos nos ajuda no entendimento dos dados tratados como *corpus* da investigação.

O trabalho foi desenvolvido com preceitos de uma pesquisa documental de base qualitativa. Isso, por sua vez, deu-nos condições de caracterizarmos os dados obtidos e, com isso, construirmos um percurso analítico-descritivo.

Entendemos por pesquisa documental o processo de investigação acadêmica a partir de documentos públicos, os quais ainda não passaram, ou são carentes, de tratamento científico. Em outras palavras, caracteriza-se como um percurso analítico-descritivo de um material semiotizador do comportamento humano redimensionado dentro de um recorte de tempo e de espaço. Estes fatores, por sua vez, são importantes à construção de sentidos do documento (Bortoni-Ricardo, 2008; Gil, 2006; Pereira; Angelocci, 2021; Severino, 2007).

Nessa pesquisa, consideramos como documentos as produções científicas mapeadas durante o processo de investigação que nos levaram ao conhecimento das políticas afirmativas mapeadas, de modo a nos fazer compreender o panorama de políticas afirmativas no contexto da pesquisa a partir do ano de 2000. Estes são vistos dessa forma, pois representam o olhar e o comportamento social a partir de um local e de um tempo específicos. Isso, por sua vez, nos ajuda a compreender em que medida a figura da mulher no contexto de pesquisa da USP pode se assemelhar a outras realidades acadêmicas.

Já a abordagem qualitativa é bastante recorrente no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Isso porque o teor subjetivo é uma das suas principais características, uma vez que é necessário levar em consideração o lugar de fala assumido pelos atores sociais que colaboraram para a geração dos dados de pesquisa. Em outras palavras, trata-se de uma abordagem investigativa que problematiza as ideologias que motivam a existência dos dados, exigindo do pesquisador um olhar socialmente sensível (Bortoni-Ricardo, 2008; Gil, 2006; Pereira; Angelocci, 2021; Severino, 2007).

No bojo desta pesquisa científica, a abordagem qualitativa nos ajudou a entender forças ideológicas que costuram o contexto em que as produções científicas mapeadas, de modo a nos oferecer condições de interpretar as representações identitárias acerca da figura da mulher pesquisadora. Além disso, nos possibilitou a criar critérios para a escolha das plataformas digitais por meio das quais selecionamos os dados de pesquisa. Podemos conferir este procedimento no quadro abaixo:

Quadro 01 - Critérios qualitativos para escolha das plataformas digitais de pesquisa.

PLATAFORMAS	CRITÉRIOS QUALITATIVOS
Google Acadêmico	Abrangência do número de pesquisas
SciELO	Engajamento com revistas acadêmicas representativas no assunto
Portal da Universidade Estadual de São Paulo	Diálogo de maneira próxima com a realidade cultural, social e econômica de São Paulo
Jornal da USP	Aproximação evidente com a realidade de pesquisa e de construção do saber científico da USP

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

De acordo com o Quadro 1, a obtenção de dados ocorreu por meio do acesso aos bancos de dados *online* as seguintes plataformas digitais: Google Acadêmico, SciELO, portal da Universidade Estadual de São Paulo e Jornal da USP de outubro de 2021 a março de 2022. Na busca, indicamos os termos “Políticas afirmativas da mulher”, “mulher pesquisadora” e

“pesquisadora na USP”, por meio dos quais triamos os dados e chegamos ao *corpus* desta pesquisa.

Por fim, a busca foi realizada através da leitura exploratória de artigos, jornais referentes ao assunto. Após a leitura exploratória, foi realizada uma leitura mais aprofundada das partes de interesse para a elaboração do estudo e as informações e fontes foram extraídas.

4 Análise e discussão dos dados

Nesta seção, apresentamos o percurso de tratamento dos dados da pesquisa. Para isso, descrevemos e analisamos as políticas afirmativas mapeadas a partir do ano 2000 e construímos sentidos a partir da representação da figura da mulher pesquisadora nos documentos selecionados.

Após a coleta e análise de dados, foram encontradas 12 políticas afirmativas que visam o acesso e a permanência da mulher no ensino e pesquisa na USP, as quais são listadas no Quadro 2, descritas com seus respectivos objetivos.

Quadro 02 - Políticas afirmativas da USP.

TÍTULO	OBJETIVO/ PÚBLICO-ALVO
Women in tech	Apoiar as ingressantes em cursos nos quais as mulheres são minoria. Através de ações, eventos e campanhas sobre o tema, o grupo busca visibilizar, inspirar, incentivar, dar voz e acolhimento a todas as mulheres e meninas que se interessam pela tecnologia.
Technovation Summer School for Girls	Desde 2018, o GRACE – Grupo de Alunas de Ciências Exatas do ICMC realiza o Technovation Summer School for Girls. Em um evento composto por cinco encontros, meninas com idade entre 10 e 18 anos podem aprender sobre computação e empreendedorismo nos laboratórios do ICMC da USP em São Carlos. O programa possui um currículo que vai desde a identificação de um problema a ser resolvido (ideação) até o desenvolvimento de um aplicativo e seu lançamento no mercado.
Mergulho na Ciência	Com o intuito de incentivar a inserção de meninas nas áreas STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), este curso é oferecido nas férias, de forma gratuita, em período integral e é composto por palestras, oficinas e aulas práticas, com a presença de professoras e pesquisadoras de diferentes temas das ciências.
Vai ter menina na Ciência	Aproximar e incentivar a inserção de meninas na ciência, a partir de diversas atividades de aproximação com as áreas de Matemática, Química, Nanotecnologia, Biologia, Ciência da Computação, Ciência da Natureza, Física, Ciências Ambientais/ Oceanografia e Farmacologia/ Envelhecimento.
GaRotAs em Computação e Empreendedorismo (GRACE)	Inspirar alunas de 8º e 9º anos do ensino fundamental a participarem da área de computação e a desenvolver uma carreira nesse campo de atuação; ajudar a diminuir a disparidade entre os gêneros dos ingressantes nos cursos de computação, já que se identifica que estudantes do sexo feminino ainda são minoria nessa área do conhecimento. O projeto envolve alunas de Sistemas de Informação que, com outras estudantes voluntárias, realizam

	visitas em escolas públicas da Zona Leste de São Paulo promovendo dinâmicas focadas em computação, além da apresentação de histórias de grandes mulheres da área.
Ciências por elas	Apresentar pesquisas desenvolvidas na universidade, mostrar como é a carreira científica e desenvolver atividades práticas, para estimular o interesse das meninas pela ciência. É um evento gratuito, com vagas limitadas, para o público-alvo descrito. As atividades serão conduzidas por professoras e pesquisadoras de diferentes campos do conhecimento, como educação, biologia, saúde, toxicologia, física, química e genética. É inspirado no projeto Meninas com Ciência desenvolvido pelo Museu Nacional.
Pronta para ser Cientista	Atrair meninas para as carreiras de Ciências Biológicas e Exatas, além de estimular pesquisadoras da USP-RP a se tornarem agentes do desenvolvimento científico e tecnológico no campus de Ribeirão Preto. Uma equipe de 27 mulheres – pesquisadoras, professoras, pós-graduandas, graduandas e biólogas ministram aulas e apresentam seus trabalhos de pesquisa. A programação apresenta quatro grandes áreas da Biologia: botânica, genética e embriologia, paleontologia e entomologia e zoologia.
Astrominas	Facilitar o acesso de jovens alunas à universidade, estreitando o contato dessas com mulheres cientistas – estimulando, assim, a escolha e a manutenção das carreiras de Ciência e Tecnologia- desconstruindo a ideia de que as ciências exatas não são para meninas. O evento é realizado ao longo de 5 semanas, onde as meninas participam de aulas de Astronomia, Matemática, Física, Geociência e Astrobiologia, com temas que também são desenvolvidos com experimentos, murais, palestras, conversas e debates sobre a vida acadêmica do ponto de vista feminino.
Clube Minerva	Incentivar o interesse para formação de mulheres em carreiras STEM, promovendo, por meio da AEP, acesso a informações e pessoas que possam indicar caminhos para a defesa da criação de condições que viabilizem a igualdade de gêneros nos ambientes profissionais para toda a comunidade da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, desde estudantes em potencial, estudantes atuais, formandos, formados e professores.
Mulheres na Tecnologia	Incentivar a inclusão feminina nas carreiras de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, e iniciativas promovidas pela e na própria poli.
Grupo Meninas Digitais	Grupo voltado a oferecer uma sequência de cursos especialmente voltados a garotas do ensino médio como forma de incentivá-las a seguir carreira na área de TI. A estrutura e o material didático são desenvolvidos pelas docentes do IME.
Meninas Programadoras	Fornecer às discentes oportunidades de desenvolver habilidades de programação e de resolução de problemas por meio de aulas que combinam teoria e prática. O objetivo secundário é motivar as alunas a ingressarem em carreiras de computação.

Fonte: Elaborado pelo autor (2023).

As questões de gênero e raça estão cada vez mais em pauta de discussões no mundo moderno. Essas proposições são debatidas e entrelaçadas a objetivos determinados pela Organização das Nações Unidas (ONU).

As mulheres representam menos de 30% dos pesquisadores no mundo todo, de acordo com dados da ONU (2015) e da Unesco (2015). Essa disparidade indica que ainda imperam

dificuldades para a presença e a permanência de mulheres e meninas nas ciências, sobretudo nas áreas STEM¹.

Isso, por sua vez, indica uma espécie de silenciamento do gênero feminino em um meio dominado por homens, o que leva a representar a ideia de empoderamentos daquelas que conseguem voz nesse contexto. Nesse sentido, pensar no empoderamento desta identidade de gênero significa considerar a disparidade entre homens e mulheres no contexto científico, o que o torna um meio predominantemente masculinizado (Butler, 2003; Sartori; Pereira, 2022).

Pesquisadores do corpo docente homens e mulheres diferem significativamente em seu número de colaborações e essas diferenças se relacionam em parte ao status familiar, incluindo o estado civil e o número de filhos em casa (Miñoso, 2019; Moita Lopes, 2003).

O relatório *Gender in The Global Research Landscape* de 2017 revelou que as brasileiras produziram, entre 2011 e 2015, 49% do total de artigos científicos. No entanto, apesar desses valores, é possível visualizar que textos publicados por mulheres são menos citados do que aqueles produzidos por homens, principalmente em países latinos. Além disso, a quantidade de pesquisadoras muda de acordo com a área de conhecimento. Em enfermagem, por exemplo, o número de artigos com pelo menos uma mulher como coautora é de 72%, porém cai para 48% nas engenharias.

Por entendermos que as citações são, na verdade, uma tentativa de legitimação da própria voz a partir da voz do outro, compreendemos que a voz feminina ainda apresenta fragilidades quanto à apropriação do discurso. Trata-se, portanto, de uma resistência recorrente de uma sociedade machista, a qual tenta reproduzir este modelo ainda que inconscientemente (Sartori; Pereira, 2022; Vianna; Bortolini, 2020).

Na USP, apesar das mulheres serem 48,83% dos alunos de graduação, o número de docentes mulheres é de 37,96%, contra os 62,04% de homens. Além disso, segundo o relatório ElesPorElas (2015), apresentado pelo Programa ONU Mulheres, somente 23,7% dos cargos de chefia da USP são ocupados por elas.

O jornal do *Campus* da Universidade Estadual de São Paulo realizou uma pesquisa interna com mais de 400 estudantes mulheres, em que apenas 31% delas relatam que seguirão a carreira acadêmica e mais de 65% dizem ter conhecimento sobre as pesquisas feitas por mulheres de seus respectivos institutos. Além disso, o levantamento mostrou dados

¹ Sigla em inglês para ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

contrastantes entre a percepção de igualdade de acesso e o sentimento de machismo no ambiente acadêmico onde cerca de 70% não possui as mesmas oportunidades que homens (Giacomassi, 2017).

A universidade com o intuito de originar mudanças na diferença de gênero, então criou 12 políticas afirmativas com o objetivo de ampliar o acesso e a permanência de mulheres na ciência e no ensino.

O grupo Women in Tech surgiu em 2018 durante a Semana da Engenharia de Computação da USP São Carlos, com o intuito de discutir a falta de representatividade feminina nas áreas de ciências e tecnologia. O maior objetivo da iniciativa é apoiar e incentivar as ingressantes em cursos nos quais as mulheres são minoria, diminuindo assim a alta evasão, sendo composto por alunas e alunos do curso de Engenharia de Computação, onde são realizadas atividades relacionadas a presença de mulheres no ambiente universitário (ICMC, 2019). Embora a participação das mulheres na pesquisa esteja aumentando em geral, a desigualdade permanece entre os países de origem e em áreas temáticas em termos de resultados de publicações, citações, bolsas concedidas e colaborações, o que resulta na importância na formulação de políticas como esta.

Apesar de ter ampliado a rede de contatos dos cientistas, a distribuição do capital científico nunca foi equânime entre os gêneros. Mesmo no Ocidente, as mulheres permaneceram excluídas do acesso à educação formal por muito tempo. Tempo suficiente para afetar a representatividade delas até os dias atuais (Moreira *et al.*, 2018; Smith; Santos, 2017).

Desde o início da década de 1970, a sub-representação das mulheres na educação e nas carreiras científicas e de engenharia tem sido considerada uma questão nacional premente por pelo menos duas razões: (1) a contribuição potencial das mulheres para o tamanho, criatividade e diversidade do universo científico. e engenharia, e (2) o princípio da equidade social, expresso na crença de que as carreiras científicas devem ser “abertas ao talento”, e não governadas ou limitadas por fatores pessoais, como raça e gênero. Diante disso a USP desenvolveu o programa Mergulho na Ciência, este é um Projeto de Cultura e Extensão do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, com o objetivo central de inserir crianças e jovens na Ciência, ao falar sobre vários temas incríveis, mostrar a importância da Ciência para o desenvolvimento do país e desmistificar a figura de uma cientista, através de exemplos lindos de cientistas mulheres brasileiras (Mergulho na Ciência, 2022).

Esforços para abrir caminhos educacionais para mulheres – e outros grupos sub-representações – em ciência frequentemente assumem a forma de programas ou conjuntos de atividades que afetam positivamente o grupo-alvo (Reynolds, 2018).

No estudo de gênero e ensino superior, os programas voltados às mulheres em ciências são locais estratégicos de pesquisa por três motivos: em primeiro lugar, uma afirmação central dos programas é que eles têm um efeito positivo sobre os resultados para as mulheres na ciência; em segundo lugar, os programas incorporam as concepções dos organizadores e patrocinadores bem como pressupostos culturais, do que está “errado” ou em questão para as mulheres na ciência e do que pode ser feito para melhorar a participação e o desempenho das mulheres nesses campos. Em outras palavras, esses programas abrangem um “diagnóstico” da raiz do problema que precisa ser abordado: por exemplo, as atitudes e habilidades das alunas, o preconceito do corpo docente, a estrutura do ensino de graduação ou a cultura dos departamentos.

Os programas também abrangem “soluções” propostas para o problema por meio, por exemplo, de mentoria, programas de ponte, tutoria por pares ou reforma curricular. Terceiro, as concepções do que está errado ou em questão para as mulheres na ciência que fundamentam os programas, ilustram até que ponto duas principais formas de pensamento acadêmico sobre as mulheres na ciência uma abordagem individual versus uma abordagem institucional/estrutural estão ligadas a ações sociais e institucionais concretas no ensino superior, ou seja, a atividades programáticas específicas implementado para as mulheres. Essas concepções de “o que está em questão” para mulheres graduadas em ciências têm potencialmente consequências importantes na realidade para o recrutamento e retenção de mulheres no ensino superior.

É válido considerarmos estes programas como tentativas de vozeamento da figura feminina no contexto científico a partir de estratégias de políticas públicas. Este movimento, por sua vez, nos ajuda a visualizar o atual cenário social, o qual se desenha a partir de demandas afirmativas de grupos historicamente subalternos (Sartori; Pereira, 2022; Tilly, 1994).

Os programas que existem nas instituições de ensino superior de apoio às mulheres representam uma encarnação real dessas perspectivas teóricas, exibindo concepções do que está “em questão” para o status das mulheres graduadas em ciências. Outra política elaborada pela USP é denominada Technovation Summer School For Girls, que visa ensinar às meninas de 08 a 18 anos métodos inovadores e criar competências para a conceitualização, desenvolvimento e comercialização de aplicativos móveis (apps) que ajudem a solucionar problemas da

comunidade (USP, 2022). O evento Vai ter Menina na Ciência é outro meio que também tem o objetivo de incentivar as estudantes do Ensino Fundamental 2 – oitavo e nono anos – e Ensino Médio em carreiras relacionadas com Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática.

Uma pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em 2015, mostrou que as mulheres são apenas 28% dos pesquisadores de todo o mundo. No Brasil, 80% da população com idade entre 25 e 34 anos nem sequer chega o ensino superior, de acordo com dados do Fórum Econômico Mundial.

O preconceito explícito e implícito é uma causa importante da sub-representação de mulheres e minorias em STEM. Mulheres e minorias são prejudicadas nas decisões de contratação ou promoção, concessão de bolsas, convites para conferências, indicações para prêmios e formação de colaborações profissionais. Essas atividades acadêmicas são cruciais para o avanço na carreira e a manutenção do emprego, o que demonstra a importância da instituição das políticas implementadas pela USP em apoio ao movimento feminista (Moita Lopes, 2003; Scott, 1992; Smith; Santos, 2017).

Lerback e Hanson (2017) compararam o gênero e a idade de 7.196 primeiros autores distintos que enviaram 22.067 manuscritos em 2012 e 2015. Nas Geociências, os artigos de primeira autoria são particularmente importantes para decisões de desenvolvimento de carreira, contratação e promoção. Na maioria dos casos, o primeiro autor também é o autor correspondente (9% em nosso conjunto de dados). As mulheres representaram 26% dos primeiros autores que enviaram elas representaram 23% de todos os autores que enviaram. No geral, as mulheres participaram menos como autoras em relação à composição dos conjuntos de dados de associação e de todas as contas em conjunto e em todas as coortes de idade. Os primeiros autores do sexo feminino também enviaram, em média, 0,79 artigos a menos por pessoa no período de quatro anos do que os primeiros autores do sexo masculino.

Outro projeto de inclusão O GRACE é o grupo da EACH-USP, que visa inspirar alunas do ensino fundamental e médio a se interessar por computação. Tendo o objetivo de aumentar o pequeno percentual de garotas nessa área através de atividades desenvolvidas em suas escolas; contribuir com a aproximação de meninas adolescentes à carreira da Computação; compreender melhor a disparidade entre homens e mulheres na área de Computação, por meio de estatísticas, aplicação de dinâmicas em escolas e outras iniciativas e auxiliar na diminuição de tal desequilíbrio, a necessidade deste projeto é demonstrada pela frase de Maria Arruda que expõe “Na educação de meninas, ainda há uma antiga ideia de que as meninas não servem para

matemática ou filosofia. Basta ver a Filosofia da própria Universidade: são duas professoras entre quase 40 homens. Isso tem que mudar! As humanas, por exemplo, são tratadas como dispensáveis, mas os fenômenos que vemos hoje com a pandemia, apenas as ciências humanas e estudos interdisciplinares conseguiram explicar: as desigualdades sociais, o efeito da pandemia sobre o coletivo, formas de preconceito, a questão do gênero. Na Biologia, os estudos entre os primatas observavam conflitos e disputas de território. Quando as mulheres começaram a entrar em massa, passou-se a observar cuidado com a cria, relações afetivas. A mulher cientista tem um enorme compromisso com o mundo, com a ruptura da desigualdade; este é um lugar a partir do qual ela pensa todas as outras desigualdades” (Jornal USP, 2022).

No Brasil, cerca de metade das publicações do quadriênio 2011-2015 foram de autoria de mulheres, um aumento expressivo comparado aos 38% do período 1996-2000. Entretanto, entre os pesquisadores que recebem bolsas de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) cujo objetivo é valorizar a produção científica, as mulheres estão mais presentes nos níveis mais baixos. Em parte, essa diferença pode ser explicada como resultante de um efeito coorte, mas também pode ser a reprodução de um padrão observado nas organizações em geral. Em cargos de chefia de alta hierarquia o número de mulheres é muito menor do que o de homens, mesmo em empresas com elevada presença feminina. Esse viés é reforçado pela posição da mídia: entre os cientistas citados em reportagens de um jornal, somente cerca de 25% eram mulheres. E não basta ao jornalista se justificar dizendo que os mais qualificados para responder eram homens (Yong, 2018; Carvalho; Coeli; Lima, 2018; Heilbronner, 2013; García-Holgado; Díaz; García-Peñalvo, 2019).

O projeto Pronta pra ser Cientista tem como objetivo atrair meninas para as carreiras de Ciências Biológicas e Exatas além de estimular as pesquisadoras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP) e da Faculdade de Ciências Farmacêuticas de Ribeirão Preto (FCFRP) da USP, a se tornarem agentes do desenvolvimento científico e tecnológico no campus USP-RP, visando diminuir as diferenças entre mulheres e homens no ensino e na pesquisa. Este projeto está baseado em um estudo que enxerga uma relação direta entre a baixa participação feminina em certas áreas da Ciência e a ideia de que talentos inatos determinam carreiras científicas, onde este trabalho colheu evidências de que certos campos do conhecimento, tais como matemática e física, combinam uma participação baixa de mulheres no contingente de doutores com uma crença disseminada, dentro e fora de da comunidade

científica. Com evidências sugerindo que as diferenças biológicas entre os sexos na aptidão inerente para matemática e ciências são pequenas ou inexistentes, os esforços de muitos pesquisadores e líderes acadêmicos para identificar as causas da disparidade de gênero na ciência se concentraram nas escolhas de vida que podem competir com a busca das mulheres pelos cargos mais exigentes.

Em síntese, as análises revelam um representativo avanço nas políticas afirmativas no que se refere à figura da mulher no cenário de investigação científica. No entanto, esta afirmação só é validada se considerarmos como ponto comparativo situações passadas, em que a mulher era ainda mais silenciada. Partindo desse pressuposto, ainda há muito o que ser feito para que a figura feminina possa usufruir dos mesmos direitos usufruídos pelo homem em uma sociedade culturalmente machista.

5 Considerações finais

Nesse artigo, apresentamos um percurso analítico-descritivo acerca das políticas afirmativas que tratam sobre o acesso e permanência de mulheres no contexto da pesquisa científica da USP. Isso, por sua vez, figura-se como uma temática incentivadora de debate, pois está diretamente associada a uma estrutura social vigente que se caracteriza por um machismo historicamente marcado.

Diante disso, voltemos à pergunta de pesquisa esboçada na Introdução deste trabalho, a qual apresenta a seguinte indagação: *O que pode revelar uma análise descritiva sobre políticas afirmativas que versam sobre o acesso e a permanência da mulher pesquisadora no contexto acadêmico da USP?*

Esse questionamento foi respondido no decorrer deste trabalho por intermédio das projeções analíticas, as quais indicam a existência de 12 políticas afirmativas que discutem a presença da mulher no âmbito da pesquisa científica da USP a partir dos anos 2000. Este número é representativo se levarmos em consideração tempos remotos, em que a figura feminina esteve mais associada à ideia de “sexo frágil” e de “não competência intelectual”. Partindo desse pressuposto, entendemos que estas políticas representam um avanço no que se refere à esta discussão, considerado que hoje a mulher não está mais alojada no lugar de fala de total submissão.

Por outro lado, a pesquisa também revela que as mulheres ainda constituem a menor parte dos cargos de pesquisa e concessão de bolsas de investigação, o que culmina em um número menor em citações de trabalho científicos se compararmos aos homens. Estes dados são alarmantes, já que as mulheres têm reverberado discursos de engajamento acadêmico-científico, as quais se firmaram com personalidades femininas que hoje são grandes referências no universo acadêmico-científico.

Em síntese, por meio desta pesquisa, identificamos uma sociedade em transição, em que a figura da mulher parece se distanciar cada vez mais da ideia de fragilidade historicamente construída. No entanto, é necessário avançar, pois ainda há muito a ser feito para que a figura feminina possa usufruir das mesmas posições ocupadas pela figura masculina. Entendemos também que se trata de uma conquista a passos lentos, já que estamos inseridos em uma sociedade predominantemente machista e conservadora.

Referências

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Hablando claro, contestando. El feminismo crítico de Joan Scott. **Rey Desnudo–Revista de Libros**, a. II, n. 4, p. 31-52, 2014.

CARVALHO, M. S.; COELI, C. M.; LIMA, L. D. de. Mulheres no mundo da Ciência e da publicação científica. **Cadernos de saúde pública**, [S.l.], v. 34, p. e00025018, 2018.

CASTRO, N. M. **Histórias de in/exclusão na escola: análise semiótica de histórias de vida e de formação de acadêmicos homossexuais na UFT**. 2018. Tese (Doutorado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2018.

FAUSTO-STERLING, A. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n. 17-18, p. 9-79, 2002.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas. In: FAZENDA, I (org.). **O que é Interdisciplinaridade?**. São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.

GARCÍA-HOLGADO, A.; DÍAZ, A. C.; GARCÍA-PEÑALVO, F. J. Engaging women into STEM in Latin America: W-STEM project. In: **Proceedings of the seventh International**

Conference on Technological Ecosystems for Enhancing Multiculturality. 2019. p. 232-239.

GENDER IN THE GLOBAL RESEARCH LANDSCAPE. **Analysis of research performance through a gender lens across 20 years, 12 geographies, and 27 subject áreas**. 2017. Disponível em: https://www.elsevier.com/_data/assets/pdf_file/0008/265661/ElsevierGenderReport_final_for-web.pdf?utm_source=GSRC&utm_campaign=GSRC&utm_medium=GSRC. Acesso em: 25 abr. 2022.

GIACOMASSI, F. Mulheres conquistam mais espaço na ciência. **Jornal do Campus**, 2017. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2017/04/mulheres-conquistam-mais-espaco-na-ciencia/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2006.

HEILBRONNER, N. N. The STEM pathway for women: what has changed?. **Gifted Child Quarterly**, v. 57, n. 1, p. 39-55, 2013.

JORNAL DA USP. **Pesquisadoras revelam os desafios das mulheres para fazer ciência**. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/pesquisadoras-revelam-os-desafios-das-mulheres-para-fazer-ciencia/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

LERBACK, J.; HANSON, B. Journals invite too few women to referee. **Nature**, v. 541, n. 7638, p. 455-457, 2017.

LIMA, S. R. A. de. Mais reflexão, menos informação. In: FAZENDA, I. (org.). **O que é interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 185-199.

MERGULHO NA CIÊNCIA. **Início**. Disponível em: <https://www.mergulhonaciencia.com/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

MIÑOSO, Y. E. Hacer genealogía de la experiencia: el método hacia una crítica a la colonialidad de la Razón feminista desde la experiencia histórica en América Latina. **Rev. Direito Práx.**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 03, 2019 p. 2007-2032.

MOITA LOPES, L. P. da. **Discursos de identidades**: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2003.

MOREIRA, M. I. C. *et al.* Mulheres, travestis e transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 234-242, maio/ago., 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Relatório ElasPorElas**. 2015. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/03/ElasPorElas_universidades.pdf. Acesso em: 11 abril 2024.

PEREIRA, B. G.; ANGELOCCI, M. A. **Metodologia da pesquisa**. Pará de Minas (MG): Editora VirtualBooks, 2021.

REYNOLDS, A. C. *et al.* Perceptions of success of women early career researchers. **Studies in Graduate and Postdoctoral Education**, v. 9, n. 1, p. 2-18, 2018. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/content/doi/10.1108/SGPE-D-17-00019/full/html>. Acesso em: 25 abr. 2022.

SARTORI, T. L.; PEREIRA, B. G. Direitos humanos e políticas públicas na educação superior: algumas palavras sobre identidades de gênero. *In*: RIBEIRO, A. C. F *et al.* (orgs.). **Práticas da interdisciplinaridade na educação**. Pará de Minas: Editora Virtual Books, 2022, v. 1, p. 58-63.

SCOTT, J. W. Igualdad versus diferencia: los usos de la teoria postestructuralista. **Debate Feminista**, Mexico, v. 5, p. 85-104, mar., 1992.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SMITH, A. S. P. O.; SANTOS, J. L. O. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. **Rev. Direito e Práx.**, Rio de Janeiro, v. 08, n. 2, 2017, p. 1083-1112.

TILLY, L. A. Gênero, história das mulheres e história social. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Incentivando garotas na computação**. 2019. Disponível em: <http://each.uspnet.usp.br/petsi/grace/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Technovation summer school for girls**. 2022. Disponível em: <https://cemeai.icmc.usp.br/so-para-meninas-technovation-summer-school-for-girls-abre-inscricoes/>. Acesso em: 25 abr. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC). **Simpósio de Matemática para Graduação**. 2019. Disponível em: <https://sim.icmc.usp.br/sim2019/>. Acesso em. 11 abril 2024.

VIANNA, C.; BORTOLINI, A. Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação: tensões e disputas. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020.

YONG, E. I spent two years trying to fix the gender imbalance in my stories. **The Atlantic**, v. 6, 2018.